



PAPERS DO NAEA

ISSN 15169111

PAPERS DO NAEA Nº 201

**PARA O (RE)DESCOBRIMENTO DO SER HUMANO.
POSSIBILIDADES DAS CIÊNCIAS SOCIAIS**

Josep Pont Vidal

Belém, Dezembro de 2006

O Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA) é uma das unidades acadêmicas da Universidade Federal do Pará (UFPA). Fundado em 1973, com sede em Belém, Pará, Brasil, o NAEA tem como objetivos fundamentais o ensino em nível de pós-graduação, visando em particular a identificação, a descrição, a análise, a interpretação e o auxílio na solução dos problemas regionais amazônicos; a pesquisa em assuntos de natureza socioeconômica relacionados com a região; a intervenção na realidade amazônica, por meio de programas e projetos de extensão universitária; e a difusão de informação, por meio da elaboração, do processamento e da divulgação dos conhecimentos científicos e técnicos disponíveis sobre a região. O NAEA desenvolve trabalhos priorizando a interação entre o ensino, a pesquisa e a extensão. Com uma proposta interdisciplinar, o NAEA realiza seus cursos de acordo com uma metodologia que abrange a observação dos processos sociais, numa perspectiva voltada à sustentabilidade e ao desenvolvimento regional na Amazônia.

A proposta da interdisciplinaridade também permite que os pesquisadores prestem consultorias a órgãos do Estado e a entidades da sociedade civil, sobre temas de maior complexidade, mas que são amplamente discutidos no âmbito da academia.

Papers do NAEA - Papers do NAEA - Com o objetivo de divulgar de forma mais rápida o produto das pesquisas realizadas no Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA) e também os estudos oriundos de parcerias institucionais nacionais e internacionais, os Papers do NAEA publicam textos de professores, alunos, pesquisadores associados ao Núcleo e convidados para submetê-los a uma discussão ampliada e que possibilite aos autores um contato maior com a comunidade acadêmica.



Universidade Federal do Pará

Reitor

Alex Bolonha Fiúza de Mello

Vice-reitor

Regina Fátima Feio Barroso

Núcleo de Altos Estudos Amazônicos

Diretor

Edna Maria Ramos de Castro

Diretor Adjunto

Thomas Hurtienne

Conselho editorial do NAEA

Armin Mathis

Luis Aragon

Francisco de Assis Costa

Oriana Almeida

Rosa Acevedo Marin

Sector de Editoração

E-mail: editora_naea@ufpa.br

Papers do NAEA: Papers_naea@ufpa.br

Telefone: (91) 3201-8521

Paper 201

Revisão de Língua Portuguesa de responsabilidade do autor.

PARA O (RE)DESCOBRIMENTO DO SER HUMANO. POSSIBILIDADES DAS CIÊNCIAS SOCIAIS

Josep Pont Vidal¹

Resumo:

O artigo expõe a evolução dos paradigmas construtivistas e a emergência do paradigma da complexidade. Nas últimas décadas, nas democracias ocidentais e nos países da América Latina teve lugar uma importante expansão e universalização das políticas públicas e sociais. Apesar dos avanços, os resultados ainda estão abaixo das expectativas. Para piorar o cenário, os efeitos das mudanças climáticas são imprevisíveis. Para alguns cientistas sociais, a degradação do meio ambiente também significa a desintegração social. Alguns sinais disso são, por exemplo, a queda na qualidade de vida das pessoas, a aparição de enfermidades psicossomáticas e o aumento da violência doméstica.

Para compreender a vida cotidiana a partir de uma nova perspectiva que ultrapasse as visões etnocêntricas e técnico-burocráticas, surge a necessidade de se desenvolver outros paradigmas, que possam contemplar a complexidade dos fatos e fenômenos sociais como realizações práticas e da ação contínua dos seres humanos. O paradigma da complexidade, ainda em aprofundamento e experimentação contínua, constitui um intento epistemológico nesta direção.

Palavras-Chave: Ação Humana. Ciências sociais.

¹ Professor e pesquisador do Núcleo Altos Estudos Amazônicos (NAEA-UFPA).

I - AÇÃO HUMANA E UM PLANETA EM CRISE

O planeta passa por mudanças e a sociedade vive dias de incertezas. Diante disso, é necessário se buscar um novo paradigma, que contemple a ação humana e os fatos sociais como causas da situação crítica em que vivem as pessoas e o planeta. É igualmente necessário procurar novos conceitos e categorias que permitam abranger a complexidade dos fenômenos sociais e da ação humana nos países do Hemisfério Sul, e, particularmente, na região amazônica. Os paradigmas tradicionais mostram suas limitações frente à complexidade das sociedades atuais. Espera-se, agora, uma nova perspectiva que ultrapasse as visões etnocêntricas e técnico-burocráticas. O paradigma da complexidade, ainda em construção contínua, constitui um intento epistemológico nesta direção.

As ricas sociedades industrializadas, compostas principalmente pelas classes médias européias, anglo-saxônicas e japonesas, além das elites dos países do Hemisfério Sul, começam a sentir, na própria pele, as mudanças climáticas do planeta, que deixaram de ser conceitos teóricos e abstratos difundidos por uma minoria de cientistas e ativistas que, até bem pouco tempo, eram vistos apenas como idealistas e críticos do sistema econômico. Para muitos, o crescimento econômico mundial, que representa aumento na renda *per capita* das populações e do consumo de bens e serviços, não deveria ser freado por conta das opiniões de tão poucos "críticos pessimistas".

Mas os dias são outros. As mudanças climáticas - que se consolidam com o aumento do número de tufões, tormentas marítimas e da expansão dos efeitos do fenômeno climático denominado de "El Niño", além do crescimento das áreas de secas - acenderam o sinal de alerta tanto para as populações dos países ricos do Hemisfério Norte quanto para os mais pobres do Hemisfério Sul.

Vejam alguns exemplos. Os ricos turistas que estavam numa viagem de cruzeiro a bordo do transatlântico "*Queen Mary 2*", na década de 90, nunca imaginaram ser vítimas da fúria da natureza provocada pelos danos ambientais causados pelo homem. Quando estavam navegando no Atlântico Norte, na costa da Nova Escócia, o navio sofreu o impacto de uma onda gigante com 30 metros de altura. A região nunca havia registrado fenômeno igual. A onda gigante se formou a partir de um tornado que passava pela costa do Estado da Flórida (EUA), a mais de duas mil milhas de distância. O impacto da onda gigante deixou vários passageiros feridos e danificou a estrutura do navio.

Em 2005, os Estados Unidos - mais um país rico do Hemisfério Norte - foi varrido pelas piores tormentas tropicais do século. O furacão Katrina, por exemplo, provocou a inundação de Nova Orleans ao romper os diques que protegiam a cidade norte-americana. Por semanas, Nova Orleans ficou submersa. Mais de 1.200 pessoas morreram. Milhares de famílias ficaram desabrigadas. As mais afetadas pela fúria do Katrina foram as mais pobres. Os danos causados pelo furacão chegam a mais de cem trilhões de dólares, já que boa parte da cidade (casas, hospitais, escolas, estradas, etc.) terá que

ser reconstruída. Além disso, o fenômeno climático causou o fechamento de empresas e, por conseguinte, a redução drástica no número de empregos, gerando graves problemas sociais.

Outro exemplo. No outono de 2006, na Alemanha, pela primeira vez em toda a sua história, enfrentou a fúria do tornado *Kyrill*. Os efeitos foram devastadores. Setenta pessoas morreram e o país contabilizou prejuízo de centenas de milhões de euros. Há dois anos, chuvas torrenciais também alagaram as cidades que margeiam os rios Reno e Danúbio, deixando um rastro de destruição e morte e arrasando centenas de pequenas localidades da Europa Central. O mesmo fenômeno se repete quase que anualmente na França e na Península Ibérica.

Os incêndios florestais também se tornaram freqüentes, durante os meses do verão, em países como a Espanha, Portugal, Grécia, Itália e ilhas do mar Mediterrâneo. O fogo já consumiu vários hectares de florestas e bosques nativos. Nestes países, é possível perceber o lento - e incontrolável - avanço do deserto africano, com temperaturas que passam dos 40 graus Celsius no verão. Para a população que vive na Península Ibérica não é estranho observar cada ano como os pântanos vão desaparecendo. Por causa do fenômeno da seca, é possível se observar as ruínas de antigas casas e igrejas que, até então, estavam submersas pelas águas em décadas passadas.

A situação é mais grave nos Países Menos Desenvolvidos (PMD) – de acordo com o PNUD - situados na África, América Central e Ásia. Também nos denominados Países de Desenvolvimento Médio (PDM) como os da América Latina, alguns da Ásia e das economias emergentes da China, Índia, Rússia, África do Sul, Brasil e México. Alguns desses países se caracterizam pela exclusão social e pobreza, além de gestão administrativa ruim. Os situados no Hemisfério Sul - caso do Brasil - são os mais afetados pelas mudanças climáticas porque não contam com sistemas de alerta para fenômenos meteorológicos e têm inexpressiva rede de amparo civil e de resgate de mortos e feridos em situações de desastres naturais. Por conta disso, os mais pobres são os que sofrem as piores conseqüências das mudanças climáticas.

A maioria dos cidadãos dos países industrializados e ricos do Norte observou durante as últimas décadas como os desastres naturais passaram a ocorrer com mais freqüência nesta região do planeta. O fenômeno “*El Niño*”, por exemplo, está cada vez mais intenso. Na África, o período de seca se estende por vários meses do ano. Os furacões varrem com mais força as ilhas do Caribe. Até no sul do Brasil, há ocorrências de tornados e tormentas.

Nos países desenvolvidos, situados geralmente no Hemisfério Norte, depois de cada desastre natural, os meios de comunicação sensibilizam a população sobre a penúria dos sobreviventes e os dramas familiares e sociais daqueles que vivem nos países do Sul. As imagens de mães que perderam os filhos, das crianças que ficaram órfãs, de famílias que buscam pessoas desaparecidas e das cidades arrasadas por algum fenômeno natural causam estranhos sentimentos de piedade e tristeza aos que desfrutam da segurança de seus lares e de um estável sistema econômico e social. Quanto mais

desoladoras e impactantes são as imagens, mas reconfortados se sentem os cidadãos dos países ricos por viverem num sistema econômico, que apesar de provocar monotonia e gerar transtornos psíquicos no trabalho e em casa, garante paz, segurança e, acima de tudo, o consumo desenfreado.

Com o impacto provocado pelas imagens e informações difundidas nos meios de comunicação, as organizações humanitárias dos países ricos recebem muitas doações em objetos e dinheiro para auxiliar as vítimas que estão nas áreas devastadas por fenômenos naturais. As doações são tantas que, algumas vezes, as organizações precisam recusá-las porque não há como enviá-las naquele momento para os afetados pelos desastres. As organizações humanitárias dizem que tanta solidariedade dos ricos não deveria ser "pontual", mas sim "permanente" tanto para as áreas onde ocorreram os desastres naturais quanto para os lugares que vivem em constante "catástrofe econômica estrutural".

Quando as imagens dos desastres naturais desaparecem da mídia em algumas semanas, a solidariedade da população dos países ricos diminui rapidamente. Isso não ocorre apenas com as catástrofes naturais. O rico morador dos países do Hemisfério Norte não dá a devida atenção para os conflitos armados em nações pobres, onde pessoas são perseguidas e mortas. Quem, nos países ricos, se recorda das conseqüências do tornado *Mitch* que varreu a Nicarágua e Cuba? Quem se lembra do conflito étnico entre *hutus* e *tutsis* no coração da África? Quem ainda pensa nos massacres ocorridos na Bósnia?

Nosso universo cotidiano é a Amazônia, a cidade do Belém, no Estado de Pará. Longe das guerras da Bósnia, dos conflitos étnicos da África, das revoltas de imigrantes na França ou em outras cidades européias. Pensamos que, aqui, a alegria e a criatividade do povo vão solucionar os problemas. Mas a região não está imune aos efeitos das mudanças climáticas. Em 2005, por exemplo, a região viveu a pior seca dos últimos 60 anos. Os níveis dos rios que cortam a região - como o Amazonas, o Tapajós e o Tocantins - ficaram abaixo das médias históricas durante o período menos chuvoso. Milhares de peixes morreram e as embarcações deixaram de navegar. A seca, segundo os ambientalistas, foi provocada pelo desequilíbrio ambiental gerado pelo desmatamento e queimada da floresta nativa.

Nos grandes centros urbanos da Amazônia, o calor é insuportável no período menos chuvoso. E poderá ficar ainda pior, dizem os especialistas. O motivo é o aquecimento global que é "alimentado", por exemplo, pela queima de combustível pelos motores dos veículos. Em cidades como Belém, por exemplo, o aumento da frota de carros, ônibus e caminhões tende a agravar o quadro. Os ônibus urbanos, com motores sem manutenção adequada, lançam, todos os dias, centenas de toneladas de monóxido de carbono para a atmosfera. E milhares de aparelhos de ar-condicionado fazem o resto.

Os prognósticos para os próximos anos não são otimistas. Os municípios paraenses situados na Região Metropolitana de Belém, Baixo Amazonas e Marajó, que estão quase no mesmo nível do mar,

correm risco de inundações provocadas pelo aumento das águas dos oceanos. O desastre natural, se ocorrer, vai atingir milhões de habitantes do Pará. Os mais afetados seriam os ribeirinhos, que ocupam barracos de madeira às margens dos rios da região.

O desenvolvimento econômico, que promove o consumo desenfreado e irresponsável de bens e serviços, é a raiz dos problemas ambientais. O comportamento é comum tanto para os ricos da Europa quanto para a classe média de cidades amazônicas como Belém e Manaus (AM).

A ciência tradicional inspirada no modelo cartesiano e as religiões começam a questionar este paradigma de desenvolvimento. A Conferência Internacional de Kyoto (1997)² foi a primeira tentativa para se reduzir as emissões de monóxido de carbono e o consumo de combustíveis fósseis pelos países ricos. A maioria deles se comprometeu a promover essa redução. A adoção do Protocolo do Kyoto significa aceitar compromissos mínimos para reduzir os gases que causam o efeito estufa no período de 2002-2010 com média de 8% nos países da União Européia e 7% nos Estados Unidos.

Mas os resultados ainda estão atrasados. Países industrializados "venderam" parte de suas emissões restantes a países mais pobres, que poluem menos e necessitam de dólares e euros para reforçar suas economias. A estratégia é uma maneira de burlar o compromisso. Outros países, por exemplo, afirmavam que o aumento da poluição atmosférica demonstrava o vigor da economia e era necessário, pois significava mais produção, mais consumo e mais empregos.

A maior potência mundial, os Estados Unidos, se negou, repetidamente, a aceitar o Protocolo de Kyoto alegando que introduzir medidas antipoluentes no setor industrial requeria investimentos bilionários, o que iria encarecer os produtos, tornando-os menos competitivos na feroz luta dentro do mercado mundial. Mas o país reconheceu a gravidade da situação e anunciou um plano de emergência para reduzir as emissões.

Já a grande potência emergente, a China, argumentava que tinha o mesmo direito de crescimento dado aos países mais ricos, e, em conseqüência, seguiria poluindo o ar. Crescendo a quase 10% por ano, o consumo de combustíveis fósseis e de contaminação da atmosfera são alarmantes na China. Em relação aos países da América Latina, entre eles o Brasil, mostrava-se que causavam pouca poluição por não dispor de grandes áreas industrializadas. Assim, teriam pouca responsabilidade sobre o problema global. Mas as megápoles como São Paulo, Rio de Janeiro, Buenos Aires ou México, com milhões de automóveis velhos e milhares de empresas obsoletas, mostram que os países mais pobres também poluem - e muito - o meio ambiente.

Com o aquecimento global, que provoca mudanças climáticas intensas, surgem algumas perguntas: quais efeitos tiveram as políticas públicas impulsionadas pela sociedade civil organizada?

² Sobre os compromissos concretos da conferência, ver "Mudança climática: Greenpeace".

Como reagem as Ciências Sociais e Humanas diante da origem deste problema planetário? Quais as alternativas epistemológicas que oferecem para compreender a ação do homem?

Para tentar responder as questões expostas, o artigo está organizado em três partes. Na primeira, realiza-se um diagnóstico sobre fenômenos que afetam às sociedades industrializadas e também metrópoles como as da Amazônia. Afinal, o problema do aquecimento global afeta a vida cotidiana das pessoas de qualquer sociedade. Na segunda, expõem-se algumas hipóteses. Na terceira, desenvolvem-se as três teses: a necessidade de uma nova visão científica do ser humano; a necessidade de se aprofundar no paradigma da complexidade; e a necessidade de se desenvolver um novo pensamento que se centre na ação humana.

II - A COMPLEXIDADE DOS PROBLEMAS

A resolução do problema é complexa porque envolve atores internacionais, nacionais e locais. Além disso, os problemas são muitos: ocupação desordenada de áreas urbanas e rurais; queimadas e desmatamentos de florestas nativas; produção e consumo de produtos supérfluos; poluição dos mananciais de águas; má gestão dos recursos hídricos; produção de substâncias cancerígenas (amianto, por exemplo).

Um exemplo da ocupação indiscriminada do solo é encontrado na pequena região da Catalunha (Espanha). Lá, como resultado do crescimento urbanístico desenfreado, foram ocupados mais hectares de terra nos últimos 25 anos do que nos dois mil anos anteriores de história. Mas pela lógica econômica atual, frear as construções significa barrar o crescimento da construção civil, que emprega milhares de trabalhadores, a maior parte deles imigrante ilegal.

Voltemos para a vida cotidiana de Belém. A capital paraense tem um frota de mais de cem mil veículos, mas a infra-estrutura viária é incapaz de absorver essa demanda. As soluções propostas até agora foram insuficientes. Um exemplo disso é a derrubada de árvores e a redução do canteiro central da avenida Duque de Caxias, que atravessa os bairros de Fátima e Marco, para o alargamento da pista do novo "corredor ecológico viário" da capital. O projeto beneficia apenas quem tem veículo próprio e não melhora, por exemplo, o sistema de transporte coletivo através de ônibus urbanos e a qualidade de vida dos moradores da avenida, que se queixam das obras. Esgoto sem tratamento despejado nas águas do rio Guamá, falta de coleta seletiva do lixo domiciliar, inexistência de fiscalização das oficinas mecânicas que poluem e lixo hospitalar manuseado de forma irregular são exemplos do descaso do poder público com o meio ambiente.

A realidade é diferente numa cidade européia? Pode parecer que sim. Na maioria delas, houve investimentos bilionários no transporte coletivo de passageiros, tratamento do esgoto e coleta seletiva de lixo domiciliar. Porém, os problemas da região são o aumento da produção de bens e serviços, o

consumo desenfreado e a ocupação desordenada do solo. Um exemplo é o aumento das emissões de monóxido de carbono nestes países. A esperança, por enquanto, está nas ações de grupos e organizações que promovem a consciência ambiental dos cidadãos.

Todos estes aspectos não são novos. Há quatro décadas, grupos de cientistas, ecologistas e ambientalistas de todo o mundo já vinham advertindo. Em 1968, 30 cientistas, políticos e investigadores fundaram o Clube de Roma para tratar da ação humana sobre o planeta. Em 1972, o *Relatório sobre os Limites do Planeta*, de Dennis Meadows, deu origem à disciplina de Ecologia Política. Entretanto, foi preciso esperar até 1982 para que a Assembléia Geral das Nações Unidas adotasse a *World Charter for Nature*, que declarava: “A natureza deve ser protegida e seus processos essenciais não devem ser impedidos”

Uma década mais tarde, emergiram, principalmente nos países da Europa Ocidental, os chamados Novos Movimentos Sociais (MNS), que agregavam ecologistas, feministas e pacifistas (PONT VIDAL, 1997). As causas desta emergência foram amplamente estudadas na Europa (DALTON, KUECHLER, 1992; OFFE, 1988, MELUCCI, 1980) e no Brasil (SCHERER-WARREN, 1987; GLORIA GOHN, 2004, entre outros). Todos apontaram o imobilismo da classe política em dar soluções aos problemas. Ao mesmo tempo, surgiram outros movimentos difundindo, por exemplo, o “consumo responsável” e melhor gestão da saúde pública. Estes movimentos, institucionalizados e profissionalizados, constituem o início da expansão das Organizações Não Governamentais e também manifestam os primeiros sintomas sobre a necessidade de se compreender a política de outra forma. Estas ações de jovens, de mulheres e dos cidadãos, questionam a linha divisória entre o público e o privado.

Quais mudanças significativas conseguiram estes movimentos? Alguns apareceram como reação a uma determinada situação. Outros foram propositivos, quer dizer, queriam mudanças sociais e novas formas de relações com a sociedade, como é o caso das feministas. Com a Internet, os movimentos conseguiram promover ações nacionais e internacionais. Por outro lado, a necessidade de manter ações planejadas, fez com os movimentos se institucionalizassem e se profissionalizassem. Estes processos se produziram de três formas:

- Transformação dos movimentos sociais em partidos políticos como é o caso do Partido Verde.
- Transformação em entidades jurídicas como é o caso do Instituto Internacional pela Paz.
- Incorporação de muitos dos líderes dos movimentos em diversas instituições governamentais e educativas, a partir de seu recrutamento por diversos partidos no poder.

O resultado imediato deste processo de institucionalização foi a fiscalização mais rigorosa das políticas públicas e sociais pela sociedade civil organizada. No Brasil, a partir do primeiro mandato do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, houve avanços em diversos campos sociais, o que melhorou a

situação dos excluídos. Desta forma, políticas sociais universalistas como, por exemplo, o fortalecimento do SUS³ e do programa “Bolsa Família”⁴, melhoraram a qualidade de vida de ampla parcela da população de baixa renda. Houve também melhorias proporcionadas por políticas públicas habitacionais, de geração de emprego e renda, de inclusão do jovem no mercado e em universidades privadas e de fomento para as pequenas empresas.

Por outro lado, o cidadão brasileiro também participou da elaboração e implantação de algumas dessas políticas a partir de modelos baseados nas democracias representativa e participativa. Um exemplo disso: foram promovidas consultas e audiências públicas sobre ações estatais e reuniões populares para discutir os gastos governamentais. É claro o valor social e político deste tipo de contribuição de numerosos setores da sociedade civil organizada historicamente excluídos e marginalizados por condição econômica, étnica e social. Pela primeira vez na história recente do país, eles participaram dos debates e discutiram propostas de políticas sociais. Mas os resultados, a médio prazo, são limitados em alguns casos.

Apesar destes avanços, surgem, mais uma vez, questionamentos sobre o fortalecimento da democracia em todas as esferas das vidas pública e privada. Conforme pesquisas realizadas nos países da América Latina (*Latinobarómetro*), a maioria dos cidadãos apoiaria uma ditadura ou um governo pouco democrático se, com isso, se conseguisse criar empregos e frear a violência. Outros estudos mostram que 47% da população se sentem inseguros na Guatemala,. Esse percentual sobe para mais de 70% em Bogotá⁵. Com base nisso, pergunta-se: qual é a situação das sociedades no mundo atual? Quais as patologias que afligem a sociedade contemporânea? Quais os efeitos das novas políticas sociais e públicas na vida cotidiana das pessoas?

A VIDA COTIDIANA E AS MANIFESTAÇÕES SUBJETIVAS

A partir da Segunda Guerra Mundial, as democracias europeias - incluindo as da Espanha, Portugal e Grécia - ampliaram, estenderam e universalizaram políticas sociais e públicas com, por exemplo, o *welfare state* (*estado de bem-estar*). Tudo foi possível graças à participação da sociedade civil na elaboração, execução e gestão destas políticas que beneficiaram a maioria da população propiciaram a redistribuição da riqueza.

No Brasil, apesar da Constituição Federal de 1988 se inspirar no *welfare state*, este modelo de Estado não se implementou no país, articulando-se somente um conjunto de políticas sociais e públicas. Não obstante, em que pese todos os avanços coletivos e sociais, hoje mas do que nunca, os

³ Sistema Único de Saúde.

⁴ O benefício é concedido para as famílias a partir de requisitos como número de filhos e renda mensal.

⁵ Hugo Fruhling (ed.) Calles mas seguras. Estudios de policia comunitaria en América Latina.

cidadãos encontram-se imersos em um mundo no qual a feroz competitividade exige cada vez mais deles. Além disso, existe o sentimento de que o serviço público não funcionam e a política é antro de corrupção. Mas o que está acontecendo?

O sociólogo Claus OFFE (1988) aponta que a linha divisória que durante décadas separou o público do privado está desaparecendo aos poucos. Assuntos que tradicionalmente estiveram reservados à esfera familiar se tornaram públicos, enquanto que assuntos tradicionalmente públicos se tornaram fatos do cotidianos. O cidadão participa mais das políticas públicas de meio ambiente porque está consciente de que os problemas que afetam a qualidade de vida são importantes.

Alguns sintomas subjetivos aparecem em forma de violência doméstica e na piora da saúde mental das pessoas. Cabe lembrar que, no Brasil, morrem, a cada ano, cerca de 40.000 pessoas por arma de fogo. Outras 35.000 morrem em acidentes de trânsito, sendo que 30% provocados por motoristas embriagados. Há outros milhares que sobrevivem, mas ficam com seqüelas graves por causa dos acidentes.

O fenômeno da violência doméstica aparece diariamente nos meios de comunicação de qualquer país europeu. Não é que agora exista mais violência doméstica. O que acontece é que as mulheres e a sociedade tomaram consciência deste problema social. Na Espanha, pesquisas mostram que 1,8 milhão de mulheres já sofreram abusos no lar nos últimos anos. Somente em 2005, 670.000 mulheres espanholas foram vítimas de algum tipo de violência doméstica. Na Alemanha, cerca de um milhão de meninos e meninas sofreram abusos sexuais.

Tanta violência provoca doenças emocionais como o ataque de pânico, a depressão e crises de ansiedade. Na Catalunha (Espanha), com cerca de seis milhões de habitantes, o número de pílulas consumidas reflete esta realidade. No caso dos ansiolíticos, passou de 5.958.382 (2001) para 6.826.961 (2005). No caso dos antidepressivos, as cifras são igualmente alarmantes. O consumo passou de 3.737.740 (2001) para 4.663.246 (2005)⁶. No total, os antidepressivos e os ansiolíticos respondem por 9% do faturamento da indústria farmacêutica. Este cenário mostra que hoje os seres humanos utilizam sedativos e fármacos de forma indiscriminada. O filósofo Zygmunt Baumann atribui esta situação à necessidade de adaptar-se à “vida líquida”, quer dizer, à veloz mudança das condições de vida: a precariedade das relações trabalhistas, a perda de laços sociais e familiares e aos projetos individuais que se antepõem a relações de casais. A vida é precária e incerta e isto explica o aumento de transtornos adaptativos.

Hoje em dia, os problemas nos relacionamentos sociais são muitos. Afetam famílias, empresas e grupos sociais. O que acontece com as pessoas submetidas a tantas mudanças? É necessário, antes de tudo, a análise das condições de vida, propõem alguns cientistas sociais. Mas, para outros, não são determinantes as relações, as personalidades, as mentalidades dos afetados por tantas mudanças.

⁶ Fuente: Idescat, 2006. Barcelona.

DIAGNÓSTICO E LEITURAS SOCIOLÓGICAS

Os países da Europa Ocidental passam por rápidas mudanças sociais como, por exemplo, o aumento das taxas de desemprego e os conflitos culturais, étnicos e religiosos. Todos estes elementos conduziram a uma insegurança muito profunda em amplos setores da população e da juventude e a um desconcerto e desorientação que invadem de pessimismo todos os âmbitos individuais e coletivos da vida social. Este fenômeno tem conseqüências destrutivas, ainda não estudadas em toda a sua magnitude. As referências e os indicadores sobre a situação atual e o futuro da sociedade podem analisar-se a partir de numerosos pontos de vista. Entre estes se encontram os que colocam como alvo central o processo e a profundidade em que têm lugar a integração e a desintegração sociais. O pedagogo Wilhelm Heitmeyer⁷ se perguntou sobre o que impulsionou a decomposição social e diagnosticou, de uma visão pessimista, as conseqüências que comporta o caminho para uma “sociedade desintegrada”.

O diagnóstico de “sociedade desintegrada” tem conseqüências. Entre as quais é necessário destacar aspectos como um aumento das desigualdades entre ricos e pobres, a restrição do acesso a bens culturais e materiais - como as novas tecnologias da comunicação - aos grupos de baixa renda; o fim da confiança nas instituições; a desvalorização e discriminação das minorias étnicas e culturais; a fragmentação das relações afetivas; a destruição das relações sociais e a dissolução de valores e do consenso normativo.

Os valores culturais, religiosos ou familiares dominantes até recentemente se encontram em retrocesso. Entretanto, este processo de secularização não é um fenômeno exclusivo dos países da Europa Ocidental, mas sim se estende a outras sociedades avançadas e a população das metrópoles latino-americanas, em maior ou menor medida. Distintos estudos de caráter empírico analisaram com exatidão o processo de secularização que tem lugar nas sociedades ocidentais nos últimos 25 anos. Por isso, alguns sociólogos chegaram a diagnosticar a denominada e controvertida “revolução silenciosa” do Ronald Inglehart⁸. Neste contexto sócio-histórico, com as profundas mudanças sociais dos últimos anos, os países da Europa Ocidental se encontram numa crise de identidade que obriga a sociedade a superar uma prova constante de ruptura e recomposição social.

Sociólogos e pedagogos analisam como se desenvolve este processo a partir de diferentes âmbitos da vida cotidiana. Assim, os que centram seus estudos na vida urbana, falam de uma

⁷ Wilhelm Heitmeyer, (Ed.) (1997), *Was treibt die Gesellschaft auseinander?. Bundesrepublik Deutschland: Auf dem Weg von der Konsens- zur Konfliktgesellschaft*, pág. 9-12.

⁸ Termo empregado por Inglehart a partir de seu estudo empírico sobre a mudança de valores secular que se tem produzido nas sociedades ocidentais. R. INGLEHART (1977) *The Silent Revolution: Changing Values and Political Styles among Western Publics*, Princenton.

“desagregação daquilo que é urbano” (K-D. KEIM, 1997, P. 245) enquanto que os estudos centrados na transformação da família afirmam que se produz uma “desestabilização da família” (PEUCKET, 1997, p.287) e uma “perda de controle no tempo livre e no consumo” (LÜDTKE, 1997, p.368). Tudo isso conduziu a profunda insegurança e falta de alternativas que alcançam todos os âmbitos da sociedade - social, trabalhista e pessoal. As conseqüências que comporta para o indivíduo e para a sociedade em seu conjunto não foram quase estudadas nem analisadas. Em Heitmeyer (1997, p.9-25), pode-se encontrar um diagnóstico desta situação.

No trabalho mencionado, aparece o fenômeno da desintegração como um conceito-chave, para o qual se dirige o desenvolvimento social do futuro. Estudos empíricos realizados por cientistas sociais constataam que não podemos nos apoiar somente no marco teórico para "a legitimação daquilo que existe". Mas também é necessário apoiar-se em estudos de caráter empírico. Isto implica que muitos elementos e prejuízos individuais, sociais e políticos voltam para a ordem do dia, posto que as ideologias do século XX se apoiavam nas mudanças que se produziram durante a segunda metade do século XIX. Educadores e pedagogos se perguntam, no início do século XXI, sobre as conseqüências que terão a rápida internacionalização e globalização, ao transformar “sociedades de consenso” em “sociedades de conflito”.

A partir deste diagnóstico sobre a situação e o desenvolvimento social, podemos analisar a questão exposta a partir de diferentes pontos de vista. Um dos elementos-chave é o que faz referência à análise dos processos da forma e qualidade da integração social ou, no caso de não cumprir corretamente esta função, das carências desta integração e das formas que está adotando o aumento da desintegração social. Este processo pode analisar-se e dividir-se em diferentes facetas (Heitmeyer, 1997, p.9-25). A explicação deve ser buscada nas mesmas contradições que gera a modernidade. Contradições que, nas sociedades industriais altamente desenvolvidas, manifestam-se em um rápido e intenso processo de individualização, que implica conseqüências ainda pouco estudadas empiricamente, que se evidenciam nos âmbitos sociais, trabalhistas e políticos e supõem processos de desintegração.

Nos países da Europa Ocidental, este processo de desintegração não se manifesta somente na denominada “sociedade dos dois terços”, quer dizer, uma sociedade em que um terço da população fica excluída, por exemplo, do acesso às novas tecnologias ou da possibilidade de encontrar um trabalho estável. A parte da população excluída esta constituída principalmente por trabalhadores desempregados há muito tempo, mães solteiras sem recursos, trabalhadores imigrantes e outras minorias étnicas. Neste contexto, a desintegração social se deve, basicamente, a uma série de processos de dissolução, que afetam, em primeiro lugar, as relações com outras pessoas ou com outros contextos de vida; em segundo lugar, a participação nas instituições sociais e, finalmente, a aceitação e

compreensão comum de uma série de normas e valores. Estas manifestações dos processos de dissolução nos levam a seguinte pergunta: o que é que muda uma sociedade e a mantém coesa?

Como ponto central, devemos nos referir à dinâmica que comportam os processos de modernização, no que se apóia o significado político das democracias atuais, baseado nos valores da Revolução Francesa (mais liberdade, mais igualdade e mais fraternidade). Entretanto, no contexto da globalização e nas dinâmicas atuais, os princípios da Revolução Francesa se transformaram, trocaram de significado e de conteúdo e perverteram-se da forma seguinte:

Quanto mais liberdade, menos igualdade.

Quanto menos igualdade, mais competência.

Quanto mais competência, menos solidariedade.

Quanto menos solidariedade, mais isolamento.

Quanto mais isolamento, menos relações sociais.

Heitmeyer⁹ aponta as conseqüências de uma “sociedade desintegrada”:

- Processo de profunda divisão entre os territórios e regiões;
- Intensificação das desigualdades sociais, que supõe maior diferença entre ricos e pobres;
- Limitação a determinados grupos sociais do acesso aos bens materiais e culturais;
- Redução dos sistemas de ajuda social e das respectivas instituições de carácter social;
- Saída e abandono das instituições;
- Desvalorização e discriminação das minorias étnicas e culturais;
- Fragmentação das relações sociais;
- Destruição das relações sociais;
- Dissolução do consenso existente sobre os valores e as normas.

Estes indicadores levam a sociólogo Ulrich Beck a diagnosticar uma “sociedade do risco”. Diferente das sociedades industriais, marcadas pela luta de classes, a característica central da “sociedade do risco” se apóia na estrutura da diferenciação social marcada pela estabilidade, como conseqüência de uma transformação profunda das condições de vida das pessoas. Entre estas transformações há aspectos tão importantes como o movimento dos níveis ou estratificação (por exemplo, a formação, a educação e os correspondentes ganhos), o desaparecimento das identidades subculturais de classe ou o desaparecimento das características que marcavam as tradições de classe. Para o indivíduo, o aspecto central se encontra no processo de individualização das situações de classe

⁹ Wilhelm Heitmeyer, (ed.) (1997), *Was treibt die Gesellschaft auseinander?. Bundesrepublik Deutschland: Auf dem Weg von der Konsens- zur Konfliktgesellschaft*, pág. 9-12.

e dos diferentes caminhos ou opções de vida. Estes aspectos são consequência de seis fatores decisivos das sociedades atuais:

- Aumento da mobilidade social e geográfica que comporta que as pessoas se separem radicalmente de sua origem familiar tradicional. Os indivíduos se enfrentam com novos modelos de relações, que não se transmitem de forma natural desde a infância e que não são perduráveis no tempo.
- A criação de sistemas de seguros universalizados e de impostos que reduzem o risco da existência pela sobrevivência, a enfermidade ou o desemprego. Entretanto, não oferecem nenhuma contribuição sobre a necessidade de vincular-se com a antiga solidariedade de classe.
- As relações internas, fictícias e falsas, que se dão nas empresas e entre as diferentes hierarquias internas, como pode ser subir ou descer de categoria, produzem-se sem que troquem as relações de desigualdade entre os trabalhadores. De uma vez, entretanto, estão por cima das orientações individuais de formar-se para subir dentro da empresa.
- Uma expansão das relações de competição, que se manifestam cada vez mais cedo, nos primeiros anos da juventude, introduz-se em todos os âmbitos da vida, vão aparelhados a uma individualização e obrigam a um isolamento.
- A crescente criação de novas urbanizações disseminadas, que suprem os antigos bairros da cidade, mas que oferecem muito poucas ou nenhuma perspectiva de conhecer-se entre si a seus habitantes.
- Uma redução continuada do tempo de trabalho que supõe mais tempo livre e novas possibilidades para o ócio, embora este não possa encher-se de forma satisfatória.

Todos estes aspectos se refletem em maior ou menor medida no sistema educativo. A violência nas escolas; o fracasso da reforma educativa iniciada na década de 90 e outros elementos diretamente vinculados às políticas educativas, como a deficiente preparação do pessoal docente no ensino superior ou a burocratização das universidades, mostram a transformação mencionada anteriormente. Estas circunstâncias indicam que a sociedade alemã se encontra em um período de enorme pressão social e de mudança, dentro de um sistema capitalista que acelera os processos de desintegração social. Este processo se manifesta principalmente a partir de três fenômenos:

- O rápido aumento da inconsistência, quer dizer, o aumento de condutas carentes de modelos de referência. A individualização nas relações das pessoas permite também espaços de liberdade de decisão, que vão acompanhados de uma subjetivização de valores e de normas, e uma certa perda das tradições. Pelo contrário, a competência e a lógica da exploração estrutural, como componentes do capitalismo, obrigam a um aumento da atitude utilitarista das pessoas, de tal forma que os espaços das possibilidades ficam freados e insuficientemente ocupados.
- A partir desta situação surgem novos problemas: por causa da desigualdade e da aquisição de novas formas de relação, como consequência do processo de individualização, os novos comportamentos se

chocam com velhas questões, novamente atualizadas, do comportamento da ação coletiva e a solidariedade. Neste ponto, terá que se acrescentar também o retorno e a sobrevivência de velhas formas coletivas de comunidade e de sujeição.

— Em conjunto, se manifesta uma assimetria: a individualização como norma cultural é válida para todo mundo. As exigências de adaptação e as correspondentes possibilidades de realização são repartidas cada vez de forma diferente e mais desigual entre os que pertencem a diferentes *milieus* sociais. Este fato conduz para um conservadorismo das posições do *establishment*, junto com uma pressão cultural de mudança, que suporta a situações de conflito tanto a nível individual como a nível coletivo. A competência se converte no motor central da desintegração do social. Na prática cotidiana, estas afirmações se manifestam, por exemplo, com os vertiginosos e rápidos aumentos de benefícios dos empresários e, paralelamente, com o aumento, também vertiginoso, das pessoas que, por diferentes motivos, têm que recorrer às ajudas e subvenções estatais para poder sobreviver.

É evidente que os sintomas mencionados aparecem na sociedade brasileira. Salvo as diferenças culturais entre o Sul e Norte-Nordeste do país, na maioria de cidades médias e grandes registram estes sintomas, que se manifestam de diversas formas. A estes fatores, terei que acrescentar os processos de aculturação que estão sofrendo diversos coletivos sociais como os índios e os remanescentes dos quilombos.

Da perspectiva da cooperação internacional, a investigadora de políticas de desenvolvimento alemã, Karin STAHL¹⁰, aponta aspectos sócio-ecológicos e remete ao profundo modelo de domínio dos países do Norte. O modelo de desenvolvimento e de civilização ocidental, é o causante, o qual se relaciona ao correspondente modelo de produção e de consumo, sua orientação básica do crescimento, que se remete diretamente a um modelo econômico mundial. Este modelo tem como conseqüência o empobrecimento da população dos países do Sul.

Frente a esta situação, diversos autores das mais variadas perspectivas éticas, religiosas, filosóficas ou políticas tentam oferecer respostas. De uma concepção teológica idealista, o teólogo alemão Hans KÜNG, em seu livro "Projeto de uma ética mundial" (1991), advoga pela imperiosa necessidade de estabelecer um diálogo religioso para que, a partir dos valores ético-religiosos amplamente reconhecidos, possa-se contribuir a definição de uma ética mundial que responda à globalização recente, uma ética universal que seja aplicável a espaços tão diversos como os da ciência, a defesa armada, o meio ambiente, a tecnologia, as relações sociais, e é obvio, a paz¹¹.

É difícil fazer uma síntese das hipóteses que descrevem as sociedades atuais, posto que primeiro terei que definir a que tipo de sociedades estamos nos referindo. As hipóteses se limitam a anunciar grandes variáveis, que podem explicar ou interpretar as sociedades dos países do Norte e de

¹⁰ STAHL, Karin, "Sustainable Development als oko-soziale Entwicklungsalternative?". In: *Nord-Sud Aktuell*, I Quartal, 1992, Hamburg, p. 44-57.

algumas regiões isoladas dos países do Sul, conectadas ao “centro”. Cada um destas hipóteses se apóia em uma variável independente determinante, sendo basicamente a ciência, o desenvolvimento tecnológico e industrial, a comunicação e o conhecimento. A seguir se apresentam tão só algumas. No caso do Brasil, algumas destas hipóteses resultam, em parte, válidas para as cidades do Sul e Sudeste, embora sejam questionáveis para Estados do Nordeste e da região amazônica, já que a sociologia ainda não realizou estudos empíricos profundos sobre a tipologia de mudanças que têm lugar.

Há mais de três décadas o sociólogo Alain Touraine vaticinou o início de “sociedades pós-industriais” (1974) compostas por uma nova classe dominante. Alguns anos mais tarde, o cientista social Gershuny (1981) afirmava que as sociedades altamente industrializadas estavam se dirigindo para uma “sociedade de serviços”, enquanto que outros cientistas já falavam inclusive da “sociedade do ócio” e da “sociedade espetáculo” referindo-se ao marketing do sistema político, e inclusive, “sociedade das sensações” (Gerhard SCHULZE 1992). Estas hipóteses se apoiavam na mudança de valores materialistas para valores pós-materialistas que experimentavam as sociedades destes países, como conseqüência de uma “revolução silenciosa” de valores, anunciada por INGLEHART (1979) e KMIECIAK (1976), e as investigações empíricas comparativas sobre a mudança de valores entre diversos países dos cinco continentes¹². Ao introduzir a discussão sobre se o passo a sociedade de serviços tem relação com a mudança de valores das gerações jovens “pós-materialismo” e as novas formas de entender a política, Habermas (1985) anunciava que as sociedades ocidentais se dirigiam para um “novo conservadorismo”.

Neste contexto de mudanças e de “revolução silenciosa”, a categoria central do “trabalho” trocou, assim como o papel histórico da classe trabalhadora. Todos estes diagnósticos vêm para indicar de uma forma ou outra o que Gilles LYPOVETSKY¹³ (1986) diagnosticou há duas décadas sobre os países desenvolvidos: “A luta de classes se institucionalizou, já não é portadora de uma descontinuidade histórica”. Enquanto isso, sugerem de forma radical apartar inclusive a categoria “trabalho” como categoria central das ciências sociais e substituir por outra, como indica Alain Touraine¹⁴. “Já não podemos entender o mundo em recipientes términos sociais, senão culturais”, apelando para a chegada de um novo paradigma para compreender o mundo de hoje.

Começava-se a questionar também a essência do desenvolvimento técnico-científico e em delegar as soluções aos especialistas e políticos. Eles estavam preparados para tomar decisões que afetavam o conjunto da sociedade e sobre os quais não se conheciam os efeitos secundários? Acidente nucleares, produtos transgênicos, novos medicamentos...

¹¹ KÜNG, Hans, entrevista, *Le Monde*, 21/1/1991.

¹² Inglehart, baseando-se na pirâmide de valores desenvolvida anteriormente pelo psicólogo social Maslow, segundo a qual os seres humanos participam de ações denominadas pos materialistas, quando têm uma série de necessidades básicas cobertas e asseguradas.

¹³ Gilles LIPOVESTSKY, 1986, *La era del vacío*, p. 217.

O sociólogo alemão Ulrich Beck¹⁵, em sua hipótese da *Risikogesellschaft*, (“sociedade do risco”), analisa a modernidade sob a perspectiva da aparição de novos paradigmas e de figuras históricas. O elemento central de sua teoria se constitui na aparição de um novo paradigma: como se podem evitar, minimizar, canalizar os riscos e perigos que se produziram no processo de modernização, e limitá-los ali onde tenham aparecido, de tal modo que não obstaculizem o processo de modernização nem ultrapassem os limites do suportável, no sentido ecológico, médico, psicológico e social? Segundo este paradigma, já não se trata de seguir nos aproveitando e explorando a natureza, mas também do problema causado pelo desenvolvimento técnico-econômico. Neste sentido, o processo de modernização se torna reflexivo, quer dizer, transforma-se em tema e, de uma vez, como problema. Para explicar esta hipótese, Beck parte de cinco teses. Primeira, os riscos se geram no nível mais avançado das forças produtivas, como é o caso da utilização da energia atômica (especialmente a radioatividade, a qual não tem percepção). Estes riscos causam danos sistemáticos, irreversíveis e permanecem invisíveis. Segundo: com a partilha dos riscos, surgem situações sociais de perigo. Além da desigualdade de classes, os riscos da modernização afetam também àqueles que os produzem e se beneficiam desses riscos. Terceiro: a expansão dos riscos não quebra com a própria lógica da expansão capitalista. A atual civilização é um barril de necessidades sem fundo. A economia torna-se “autoreferencial”, quer dizer, independente da satisfação das necessidades humanas. Quarto: pode-se possuir riquezas, mas ainda assim se está afetado pelos riscos. Em situações de classes, o ser determina a consciência; em situações de perigo, a consciência determina o ser. Quinto: o que até agora se considerava apolítico, torna-se político. Beck é otimista neste sentido, ao afirmar que, a opinião pública começa a mandar no âmbito da gestão empresarial.

Outros cientistas analisam estes fenômenos a partir do contexto da modernidade. O sociólogo britânico Anthony GIDDENS¹⁶, partindo da necessidade de reelaboração dos princípios sociológicos, centra seu estudo na análise da modernidade, tanto no nível externo, quer dizer, das instituições e de seu impacto geral, como no interno, isto é, a modernidade que “altera de maneira radical a natureza da vida social cotidiana e afeta todos os aspectos mais pessoais de nossa experiência”.

Ao recortar a individualidade, Giddens aponta os seguintes detalhes: o eu como projeto reflexivo de que é responsável o indivíduo, o saber diferenciar as distintas etapas da vida, o controle do tempo, o equilíbrio entre a oportunidade e o risco ou o processo da vida contemplado como um conjunto de “passagens”, entre outros. Por outro lado, o estilo de vida, influenciado pelas pressões do entorno e pelas circunstâncias socioeconômicas, é entendido como um conjunto de práticas mais ou menos integrado que o indivíduo adota não somente pela satisfação de necessidades utilitárias, mas

¹⁴ TOURAINE, Alain, *La Vanguardia*, 15/11/2005, Barcelona.

¹⁵ Ulrich BECK (1986), *Risikogesellschaft. Auf dem Weg in eine andere Moderne*, pág. 16.

¹⁶ Anthony GIDDENS (1991), *Modernity and Self-identity. Self and Society in the Late Modern Age*. Traducción española: *Modernidad e identidad del yo. El yo y la sociedad en la época contemporánea*, pág. 9.

sim porque dá uma forma material da identidade do eu. A identidade do eu conduz a uma pluralidade na eleição do estilo de vida.

Neste sentido, Habermas vai mas longe ao propor a categoria de “mundos de vida”. A eleição do estilo de vida depende - segundo Jürgen Habermas - de fatores como a pluralização dos “mundos de vida” e as crenças creditadas do próprio contexto do sujeito. Tudo isso ajuda a escolher entre diferentes atividades que vão definir o estilo ou planejamento de vida como meio de preparação das futuras ações em função da biografia do eu. Os processos de modernização se encontram imersos dentro de contradições fortíssimas, que se manifestam em um acelerado aumento do processo de individualismo, que ainda é pouco estudado e cujas conseqüências expõem numerosos interrogantes.

Estes interrogantes se manifestam nos processos de desintegração que estamos vivendo, que compreendem os âmbitos social, trabalhista e político. A desintegração se entende não como uma configuração da chamada “sociedade de dois terços”, mas sim como processos de dissolução das relações entre pessoas e formas de vida, na participação factual das instituições sociais e na forma em que se entendem os valores e as normas.

O filósofo brasileiro Japiassu é o cientista social que mas se aproxima das críticas feitas por Habermas sobre a “colonização do mundo de vida” por parte da esfera tecnológica e burocrática. Japiassu acentua o papel da epistemologia e do saber: “Mostrar que as desigualdades humanas estão renunciando ao saber para se converter num conglomerado de equipamentos técnico-metodológicos tendo em vista intervir, transformar, controlar e manipular-lhes horizontes de comportamento humano? Sem dúvida”¹⁷.

O paradigma proposto por Beck oferece-nos uma janela aberta para questionar o papel monopolizador na tomada de decisões por parte das elites científicas e ao próprio modelo de desenvolvimento técnico-burocrático dominante. Giddens, a partir da individualidade do eu, analisa suas conseqüências pessoais. Neste aspecto, logo se aprofunda sobre a ação subjetiva das pessoas. Habermas, com a categoria “mundo de vida”, dá um salto qualitativo e profundo ao incluir as crenças creditadas pelos sujeitos.

PARA UMA NOVA VISÃO CIENTÍFICA DO SER HUMANO

A degradação global do planeta tem um efeito acumulativo, cujo começo se remonta há mais de um século. Estimativas divulgadas em 1990 mostraram que o ser humano havia despejado, desde 1860, mais de 160 milhões de toneladas de carbono na atmosfera¹⁸. Este diagnóstico requer um

¹⁷ Hilton JAPIASSU, Nascimento e Morte das Ciências Humanas. Rio Janeiro, Francisco Alves Editora, [1978], 1982.

¹⁸ Jonathan Weiner, The Next One Hundred Years: Shaping the Fate our Living Earth. Nova York, Bantam, 1990.

profundo questionamento dos paradigmas que imperaram nas Ciências Sociais no último século. Somente isso justifica a necessidade de novos paradigmas científicos? Possivelmente a resposta está no próprio desenvolvimento da Sociologia. Esta ciência tem suas origens na necessidade de compreender a revolução industrial e seus efeitos para as pessoas. A aparição do trabalho assalariado, os fenômenos migratórios do campo para as cidades e as condições de vida e de moradia nos centros urbanos foram temas que despertaram interesse entre os fundadores desta ciência.

Desde o começo aparece a questão sobre o método científico. A Sociologia –segundo o “pai” do Positivismo, Auguste Comte, e a corrente neokantiana - teria que seguir um método similar ao das Ciências Naturais, quer dizer, procurar leis universais para explicar os fenômenos sociais e compreender a sociedade. A perspectiva positivista pressupõe, segundo Erickson (1986, p.126, in: Lessard-Hebert, p.37), o seguinte: “Os animais e os átomos manifestam comportamentos de modo constante quando em circunstâncias idênticas. Além disso, o comportamento de uma pessoa dirigido para uma outra pode ser considerado como uma causa de mudança nesta última”.

O método indiscutível que se adotou foi o denominado hipotético dedutivo, quer dizer, a partir de uma lei geral devia-se estudar casos concretos, método ainda não questionado pela maioria de cientistas. Mas, o que acontece se a evolução das ciências como a Física e a Matemática mostram que não existem leis universais na natureza, mas sim elementos de caos, desordem e improvisação? Esta questão tem um reflexo direto nos métodos utilizados na investigação sociológica.

Cada vez são mais, os médicos, físicos, matemáticos, cientistas sociais, filósofos, urbanistas e arquitetos questionam o determinismo linear cartesiano que impera em nossas sociedades, e advogam por recolocar o ser humano no centro de sua ação profissional. De igual forma, as áreas de conhecimento tão diversas como a Física e a Sociologia impulsionam, na prática, novas perspectivas. Da Física, Fritjof Capra¹⁹ afirma o seguinte: “Vivemos hoje num mundo globalmente interligado, no qual os fenômenos biológicos, psicológicos, sociais e ambientais são todos interdependentes. Para descrever esse mundo de forma apropriada, necessitamos de uma perspectiva ecológica que a visão de mundo não nos oferece”.

O determinismo e mecanicismo estão presentes na organização de nossas vidas cotidianas. Ações como ir ao consultório médico quando se está doente e sair de lá com receitas com nomes de medicamentos desconhecidos por nós. Mas, ao ingerir os remédios, esperamos uma rápida melhora dos sintomas que nos afligem. Mas, algumas vezes, a doença pode se manifestar novamente com novos sintomas. Mas, quem quiser trocar a alopatia pela homeopatia²⁰ terá dificuldades porque a rede pública de saúde não cobre os gastos deste tipo de tratamento.

¹⁹ Fritjof CAPRA, O Ponto de Mutação, p. 14.

²⁰ A homeopatia se deve ao médico alemão Samuel Hahnemann, (1755-1843). Tem sido acusada pela medicina tradicional de pseudociência. Para mais informação, consultar: www.homeopatia.net ; *Homeopathic Medical Association (HMA)*

Quando adolescentes também experimentamos a radical separação do saber. Temos que decidir se vamos optar pelas Ciências Humanas ou pela Ciências Exatas. Já na universidade, observamos claramente esta divisão do saber nos diferentes departamentos (Física, Letras, Psicologia e outros) e na configuração acadêmica das disciplinas. É estranho um Departamento de Engenharia, por exemplo, oferecer alguma disciplina de ética, de história da filosofia ou de engenharia e sociedade. Finalmente, quando entramos no mercado de trabalho nos deparamos com nova divisão. Neste caso, entre a atividade manual e intelectual. Em todo o processo cotidiano observamos e vivemos a divisão e a hiperespecialização, de tal forma que vivemos uma realidade “compartimentada”.

O processo não é fruto do azar, mas sim de antecedentes científicos e econômicos, e, também, de dominação. Para compreender a extrema separação, terei que nos remontar, na era moderna, ao pensamento de Descartes. O elemento central de seu método é o denominador da dúvida, quer dizer duvidando de tudo o que pode ser submetido à dúvida. Seu método analítico surge da decomposição dos pensamentos a partir de uma disposição lógica. Descarte interpretou o universo como um relógio, como uma máquina; a natureza, por conseqüência, funciona como um relógio. É evidente a contribuição de Descartes e outros cientistas como Newton que questionaram profundamente a escolástica medieval. Suas teorias dominaram o pensamento durante 300 anos. Max Weber, como um dos fundadores da Sociologia, já incorpora a consciência como produto da cultura, aspecto que tem tido numerosos caluniadores: “Pois mesmo o conhecimento das teses mais seguras do nosso saber teórico – como o das ciências exatas, matemática ou físicas – é, tal como o aperfeiçoamento de nossa consciência, produto da cultura”²¹.

No início do século XX, os mais variados campos começaram a questionar os postulados cartesianos. Isso chegou até a impulsionar uma verdadeira revolução científica, um “novo espírito científico”, como definiu Gaston Bachelard (1978, p.9). Um primeiro impulso veio da Física. Questionam-se os postulados da Física clássica para avançar para a termodinâmica e a Física quântica (Einstein e Heisenger). Um dos primeiros físicos a estabelecer o elo entre Física e a configuração do universo, Fritjof Capra afirmou: “O universo pode, de fato, constituir-se de interligações que se dão por vias muito mais sutis do que se havia pensado até então”²². O universo pode constituir-se de interligações, quer dizer, havendo a possibilidade de relacionar a física subatômica a Psicologia, ou “inclusive” a Parapsicologia. A Física clássica ou tradicional se apóia na probabilidade, sempre que os detalhes vinculados são desconhecidos. As variáveis formam os mecanismos locais. Estes sinais são partículas mas, além destas conexões locais, aparecem outros tipos de conexões não locais. Estas conexões são concebidas por alguns físicos como a própria essência da Física quântica.

²¹ Max WEBER, Sobre a técnica das Ciências Sociais, 1991, p. 8.

²² CAPRA, O Tao da Física, p. 230.

Na Física quântica, eventos individuais não possuem sempre uma causa bem definida. “Nunca podemos prever quando e como tal fenômeno não ocorre (...) podemos apenas prever uma probabilidade” (Ibid., 231). No âmbito da Física significa que os eventos atômicos têm lugar de forma completamente “arbitrária” posto que não estão veiculados por causas locais. Desta forma, como não conhecemos com precisão as conexões não locais, somos obrigados a substituir a noção clássica de causa e efeito por uma concepção mais ampla de casualidade estatística. Em síntese, as leis da Física atômica são leis estatísticas de acordo com as quais as possibilidades associadas aos eventos atômicos são determinados pela dinâmica do sistema como um todo (Ibid., 231).

Outras áreas científicas experimentavam sua própria revolução. As ciências naturais (Darwin), a psicologia (Freud, Lacan e C.G.Jung), a sociologia e as ciências sociais experimentam igualmente uma nova visão da ação subjetiva, questionando o positivismo e o funcionalismo, com o desenvolvimento de diversas escolas e correntes fenomenológicas²³ inspiradas em Heidegger, como a etnometodologia. Rudolf Steiner impulsiona a antroposofia como corrente filosófica que procura elaborar uma compreensão global do homem e do mundo, de forma semelhante a alguns postulados de Max Weber. Esta nova corrente se encontrou com a evidente dificuldade de fundamentar uma epistemologia que avalize e respalde a possibilidade de um conhecimento espiritual. Como herança desta corrente, existem as Escolas Waldorf em quase 50 países do mundo.

Qual foi o elemento que desencadeou esta revolução na ciência? Duas revoluções científicas preparam - segundo o sociólogo e filósofo francês Edgar Morin²⁴ - esta reforma do pensamento: a Física quântica e o questionamento do dogma reducionista, ainda vigentes. A Física subatômica apoia-se em variáveis locais de conexões. Quando nos aproximamos das conexões menores, aparecem as conexões não locais de forma mais intensa. A Física quântica entranha o colapso do universo (Laplace), a ruína do dogma determinista, o afundamento de toda idéia de unidade simples que esteja na base do universo. Toma em consideração os conjuntos organizados ou sistema em detrimento do dogma reducionista dominante do século XIX. Há a ressurreição das entidades globais como o cosmos, a natureza e o homem, que haviam sido cortadas e desintegradas.

Outro passo decisivo no questionamento do desenvolvimento acumulativo do conhecimento defendido por Newton foi a publicação do livro "A Estrutura das Revoluções Científicas (1962)", do filósofo da ciência Thomas Kuhn²⁵. Além de ser o primeiro cientista a introduzir o conceito de

²³ Comp. Parente LEITE, Arnaldo Metodologia de Pesquisa Científica. 2001. pp. 75-80.

²⁴ Edgar MORIN, La mente bien ordenada, p. 118.

²⁵ A obra de Kuhn não está isenta de ambigüidades em relação ao conceito “paradigma”. Sua aplicação às ciências sociais tem sido objeto de fortes controvérsias e de diferentes resultados. Por um lado, sua aplicação na pesquisa teórica e metodológica tem contribuído para reafirmar e sua pluralidade, enquanto que, por outro lado, tem servido de base para estudos que se orientam para a integração de paradigmas. Como paradigmas que têm seu surgimento a partir da dissolução do conceito de pós-modernidade ainda que se fundamentam nela, Niklas Luhmann fala da existência do “paradigma sistêmico”, enquanto Jürgen Habermas fala do “paradigma comunicativo”. O físico britânico Bohm (2004) introduz o “paradigma holográfico”.

paradigma como modelo científico universalmente aceito, a tese principal do livro questiona o lento avanço da ciência a partir da acumulação de conhecimentos. Até que admite que esta acumulação tem um certo papel na ciência; as principais mudanças provêm das revoluções. A ciência sempre esteve dominada por um paradigma específico, que define a imagem do objeto da ciência. A partir de um período de acumulação - a ciência normal - em que se estende o paradigma dominante, aparecem inevitavelmente “anomalias” ou novos achados impossíveis de explicar por meio do paradigma dominante. O aumento destas anomalias poderia desembocar em uma revolução científica, em que se abandonasse o paradigma dominante e o substituísse por outro, nascendo desta forma um novo paradigma dominante. Centra-se nos paradigmas das ciências exatas, como a Física, embora demore ser aceito para outros campos como as ciências sociais, a economia, a história e a lingüística. Nos períodos de revolução é quando se produzem as grandes mudanças na ciência.

Um número cada vez maior de cientistas, muitos deles ganhadores do Prêmio Nobel, aderiu à necessidade de se desenvolver paradigmas que contemplassem a complexidade do universo, o caos e a subjetividade na interpretação da ação humana. Entretanto, por muito tempo, eles foram atacados pela ciência reducionista sob a acusação de “esoterismo”²⁶ e “espiritualismo”. Mas os avanços na Física quântica, a teoria do caos e sua posterior difusão e reconhecimentos científicos demonstraram o contrário, abrindo novas vias para compreender a complexidade do universo. Nas ciências sociais, positivismo e funcionalismo, desenvolveram-se diferentes caminhos.

As ciências sociais e humanas tampouco estiveram isentas destas contradições. Da Segunda Guerra Mundial até a década de 60, com a irrupção da fenomenologia, a sociologia esteve fortemente influenciada pelo funcionalismo, sendo seu máximo representante Talcott Parsons. O estrutural funcionalismo desenvolvido por ele e seus seguidores influencia outras áreas como as políticas de desenvolvimento, cujo princípio se apoiava na necessidade de desenvolver funcionalmente e em uma única direção as economias dos países do chamado Terceiro Mundo. Somente a partir da década de 60, começa a perder sua hegemonia, diluindo o extremismo teórico dominante entre as grandes teorias existentes. Nesta década, uma nova geração de cientistas sociais se afastou deste extremismo e de disputas dialéticas pouco frutíferas que não interessam para questões epistemológicas como a integração micro-macro dos fenômenos sociais.

A ação se refere ao ator consciente e criativo e como ele constrói a sociedade, enquanto que a estrutura refere-se aos esquemas sociais. Neste sentido, aparecem os primeiros escritos da teoria da estruturação de Giddens (1976, 1984), o conceito de *habitus* de Pierre Bourdieu (1977, 1984) e o intento de integrar o “mundo de vida” e o sistema de Habermas (1984).

²⁶ FERREIRA, Tatiana. *Beira do Rio*, novembro, 2006, Belém, UFPA. “pesquisas serias na devem ser confundidas com publicações esotéricas”, p. 5.

Partindo de elementos da fenomenologia e o interacionismo simbólico²⁷, Giddens sustenta que as pessoas sempre podem se esquivar das relações de autoridade, já que na vida cotidiana, constroem suas próprias relações sociais. Entretanto, é consciente do peso construtivo das estruturas sobre os indivíduos em três aspectos: primeiro, a constrição material derivada do próprio corpo; segundo, a constrição das sanções ligada às respostas punitivas que realizam uns agentes sobre outros; terceiro, a constrição estrutural derivada do contexto da ação frente aos atores. A “dualidade” (GIDDENS 1976, p.121) mostra que as estruturas sociais se constituem pela atuação social. Cada ato de produção é, ao mesmo tempo, um ato de reprodução posto que as estruturas se transformam e se modificam.

Para Bourdieu, a realidade social possui uma dupla dimensão: objetiva e construída. Bourdieu (1989, p 15), inspirando-se na fenomenologia de Alfred Schütz, Peter Berger e Thomas Luckmann (1995), abre um novo horizonte metodológico ao ultrapassar os limites de um subjetivismo radical, e do pretendido objetivismo das estruturas, para vincular ao ser humano concreto, dentro de um contexto histórico e numa organização social que determinam, em parte, seus comportamentos. Mostra-se a favor de um estruturalismo que não esquece o agente ou o indivíduo concreto: “Por um lado, as estruturas objetivas (...) constituem as constrições estruturais que influem nas interações. Mas, por outro lado, essas representações devem também se ter em conta particularmente se desejamos explicar as lutas cotidianas, individuais e coletivas, que transformam ou preservam estas estruturas”. Neste sentido, Bourdieu aponta a necessidade de analisar as práticas econômicas de uma cultura concreta: “As disposições econômicas mais fundamentais, necessidades, preferências e propensões não são *exógenas*, quer dizer, dependentes de uma natureza humana universal, a não ser *endógenas* e dependentes de uma história, que é precisamente a do cosmos econômico no que são requeridas e recompensadas (BOURDIEU, 2003, p. 22)”.

Por um lado, o “individualismo metodológico”, que parte de uma crítica ao “holismo”, o qual considera o todo mais do que as partes e o indivíduo produto das estruturas sociais. “Para explicar um fenômeno social qualquer - seja ele ligado à demografia, à política, à sociologia ou qualquer outra ciência social -, é indispensável se reconstruir as motivações dos indivíduos concernidos pelo fenômeno em questão e apreender este fenômeno como resultado da agregação dos componentes individuais ditados por estas motivações”²⁸.

A difusão da obra do Peter Berger e Thomas Luckman - “A construção social da realidade”, em 1967 - deu impulso definitivo ao sublinhar a natureza simbólica da vida social. No interacionismo, os significados sociais são resultados das atividades de interação dos atores sociais. O elemento central

²⁷ Según Giddens 1984, p.281-284: “Todos os seres humanos são seres capazes de conhecer, isto é, todos os atores sociais possuem um conhecimento elevado das condições e conseqüências do que fazem em sua vida cotidiana (...). Os atores são capazes de dar explicações de sua conduta (...). O estudo da vida cotidiana faz parte integral da análise da reprodução das práticas institucionalizadas”.

²⁸ R. BOUDON, cit in: CORCUFF, As Novas Sociologias, p. 22.

conforma o pensamento como “processo pelo qual se examinam soluções potenciais, do ponto de vista das vantagens e inconvenientes que o indivíduo obteria de acordo com seus valores”.

O conceito de “mundo de vida” deriva da fenomenologia, representando uma perspectiva interna subjetiva da sociedade. Segundo Habermas (1987, p.117), “a sociedade se concebe da perspectiva do sujeito em ação”. Para ele, o “mundo de vida” é composto pela cultura, sociedade e personalidade. Neste sentido, Habermas se afasta da fenomenologia, para realizar uma aproximação ao funcionalismo de Parsons. O conceito de Habermas é ampliado por Alfred Schütz ao referir-se ao mundo da intersubjetividade. Schütz também o denomina “mundo do sentido comum”, “mundo da vida cotidiana” ou “mundo do trabalho cotidiano”. Trata-se de um mundo no qual as pessoas vêem que o mundo existe e não duvidam dele, até que se encontram frente a situações problemáticas. Com isso, Schütz utiliza categorias como “tipificações”, “receita” e “reino da realidade social” para descrever a forma em que os seres humanos constroem, reproduzem e se relacionam com o mundo externo.

A etnometodologia, como corrente fundada por Garfinkel, é denominada por “raciocínio sociológico prático” e começa com a compreensão da vida cotidiana, tal e como se manifesta através das ações práticas dos atores sociais. Trata-se pois de analisar a capacidade reflexiva e interpretativa de todo ator social. Os etnometodólogos consideram o mundo como um conjunto de percepções e de ações de sentido comum. Os fatos sociais são realizações práticas como resultado da atividade contínua do ser humano. Os métodos práticos de construção da ordem social surgem a partir da capacidade reflexiva dos membros de uma comunidade e através do intercâmbio que possibilita a compreensão e realização das ações. Estes pontos de vista teóricos explicam a ação humana? Como o ser humano e sua ação se vinculam com as estruturas?

III - PARA UM NOVO PARADIGMA

Herbert Marcuse, tomando certos elementos já anunciados pelo Freud sobre a existência de uma civilização subjugada, remarcou a impossibilidade de que a civilização atual de consumo e de abundância não fora também repressiva, tanto no aspecto teórico como no prático. A ciência e a tecnologia, no lugar de serem os elementos da emancipação, são vistas como as causadoras desta repressão. Apesar do progresso nos países ocidentais, este foi acompanhado pela “falta de liberdade”. A felicidade que tinha que acompanhar a quase universalização deste progresso material foi frustrada ao estar “subordinada” à disciplina do trabalho e à da “reprodução” monogâmica.

As sociedades técnico-burocráticas ocidentais realizaram importantes avanços na medicina, na gestão racional da economia e da sociedade, mas foram processos acompanhados de irracionalidade. “Os campos de concentração, a exterminação em massa, as guerras mundiais e as bombas atômicas

não são uma 'recaída na barbárie', a não ser a utilização sem freios dos lucros da ciência moderna, a técnica e a dominação. E a mais efetiva subjugação e destruição do homem pelo homem se desenvolve na cúpula da civilização, quando os lucros materiais e intelectuais da humanidade parecem permitir a criação de um mundo verdadeiramente livre” (MARCUSE, 1976, p. 18). Qual é a origem do problema? É o próprio paradigma técnico-burocrático ocidental?

A necessidade de se estabelecer novos paradigmas aparece cada vez com maior força em todas as áreas, especialmente nas relacionadas com os recursos humanos. Em todas as áreas de conhecimento, existe a necessidade de se compreender a heterogeneidade frente à homogeneidade, o cotidiano frente ao universal, o participativo frente ao imposto, descentralizado frente ao centralizado. A ação humana individual ou grupal converte-se no centro do novo paradigma ou nova forma de enfocar e resolver os problemas. Em cada um dos campos científicos, o novo paradigma põe em questionamento as “limitações”, a “especialização” e o “tecnicismo”.

Em todos os campos científicos, como nas áreas de gestão urbana e empresarial, aparece a necessidade de uma “mudança” de paradigma. Nas diversas áreas e campos profissionais, se transmite a sensação de que estamos indo para um novo tipo de compreensão. Não obstante, surgem questões mais profundas. Trata-se de um novo paradigma no que se refere às mesmas estruturas instrumentais, mas com nomes e objetivos novos? Ou quando se fala de um novo paradigma se entende uma forma diferente de compreender o papel e a ação do ser humano? Considero que aparecem os dois supostos, o instrumental e o subjetivo, e que é preciso diferenciá-los.

Vejam os campos intimamente relacionados com a subjetividade do ser humano como a saúde. A partir de um “novo paradigma da saúde e enfermidade”²⁹ diversos cientistas (Alexandra Niedzwiecki, Matias Rath e Linus Pauling) desenvolvem a medicina celular para o controle do câncer graças à utilização de substâncias naturais. Também os sistemas educativos tradicionais se vêem igualmente questionados devido ao repetido fracasso de seus métodos tradicionais, com a aparição de novos paradigmas, entre os quais, o “paradigma holístico” utilizado por Pierre Weil³⁰. Na área sociológica e econômica do desenvolvimento, fica a necessidade de se interpretar e obter conhecimento a partir da “complexidade sistêmica” e da multidisciplinaridade.

Os antecedentes epistemológicos do “novo paradigma” se apoiam em quatro correntes diferentes. O primeiro passo veio dos fundadores da Escola de Frankfurt. O segundo impulso, na década de 60, proveio do interacionismo simbólico e da etnometodologia. O terceiro provém da psicologia social e da teoria sistêmica.

²⁹ I Congreso sobre Tratamientos Complementarios Alternativos en Cancer. Madrid, 2005.

³⁰ Pierre WEIL, A Arte de Viver em Paz. Brasília, UNIPAZ / UNESCO, 1993.

A Escola de Frankfurt ou Escola Crítica³¹ tem várias contribuições, sendo a subjetividade a mais relevante. A partir dela, realizou-se um esforço para reorientar o marxismo em uma direção subjetivista. Segundo seus representantes, o mundo moderno chegou a um estado jamais conhecido de dominação dos indivíduos, penetrando o controle nas esferas mais privadas da vida, de tal forma que os atores acabam internalizando-o. Os atores e a consciência se analisam a partir das massas, sendo estas controladas por força externas.

No interacionismo simbólico, identificam-se três postulados básicos: primeiro, os seres humanos atuam com referência às coisas, sobre a base dos significados que têm para eles; segundo, a atribuição de significados aos objetos através de símbolos e seu processo contínuo; e terceiro, o processo tem lugar em um contexto social. A partir destes postulados, o ser humano atua com base em significados, posto que a realidade não existe fora do mundo real. “É criada ativamente à medida que atuamos dentro e para o mundo” (Berger; Luckmann).

Na psicologia social experimental³², o aspecto que mais preocupa (MOSCOVICI, 1976) é o relacionado com a mudança social. Os trabalhos inspirados neste enfoque se centraram em analisar as normas e a transformação delas, em cuja origem se encontram indivíduos e grupos pouco inclinados a conformar-se com o *status quo* e a respeitar as normas denominadas “universais”: as minorias. Do ponto de vista da uniformidade se pergunta como os indivíduos abandonam sua própria visão das coisas para moldar-se à razão da maioria. As fontes de influência são tais porque são dominantes, poderosas, acreditáveis ou atraentes (KELMAN, 1958). Da perspectiva da inovação, interessa determinar como os indivíduos ou grupos minoritários podem incidir sobre as crenças e comportamentos dos membros da maioria.

A Teoria Geral de Sistemas de Niklas Luhmann manifesta a necessidade urgente de se realizar uma “ilustração da ilustração”, quer dizer, um novo marco teórico que nos libere dos compromissos da tradição européia clássica, que permita a colocação de novos instrumentos de análise e desenvolva conceitos novos. O mundo e as sociedades atuais caracterizam-se pela grande complexidade, especialização e diferenciação nas relações e nas conexões. O problema central é, precisamente, o aumento da mesma complexidade, entendida por Luhmann como o aumento da diferenciação de uma sociedade. A complexidade das atuais sociedades só poderá reduzir-se quando existir uma teoria com instrumentos adequados.

Partindo da tradição do pensamento de filósofos e pensadores como Kant, Durkheim, Etzioni, Habermas ou o controvertido filósofo Heidegger, Luhmann analisa conceitos como “solidariedade”, “modernidade” e “sociedade sem classes”. Começa com a análise das sociedades industriais atuais a

³¹ Entre os representantes mais importantes, cabe destacar a Max HORKHEIMER, além de Herbert MARCUSE e Erich FROMM. Estes introduziram um clima intelectual específico e um modo de pensamento.

³² A perspectiva dominante de natureza fundamentalista, os trabalhos mais destacados tratam sobre os mecanismos de conformidade e de obediência das maiorias. DOISE, DESCHAMPS, MUGNY, 1980.

partir da dupla vertente de “sistemas autoreferentes e autopoieticos” e como produtores dos riscos que suportam: “Nós produzimos insegurança e riscos”. Luhmann se refere aos equívocos dos destinatários a quem se dirige o protesto e a ação dos novos movimentos sociais (fenômeno tratado de forma contraditória e ambígua em sua teoria): “O protesto dos novos movimentos sociais não se dirige contra o Estado mas sim estes vão às portas das fábricas, quando deveria ser o contrário”. Define a “sociedade mundial” como o tipo de sociedade da modernidade cuja unidade se entende como algo mais que a totalidade das possíveis comunicações.

A Teoria Geral da sociedade elaborada por Luhmann está inacabada e mantém caráter de constante evolução³³. Sua obra se encontra em um processo de evolução e pode se falar de um fundamento, a partir da publicação de "Sistemas Sociais. Compêndio de uma Teoria Geral" (1984). Nela, Luhmann convida a pensar de uma forma nova e a abandonar os hábitos e tradições ainda existentes da ilustração. É necessário assinalar que a “teoria sistêmica” não só é um intento de construção de uma teoria das complexas sociedades avançadas, mas também uma tentativa para interpretar os processos de mudança.

O marco teórico desenvolvido por Luhmann distingue, basicamente, três tipos fundamentais de sistemas autoreferentes. Cada um dos quais se diferencia por seu tipo de operação autopoietica e pela forma em que se constrói seu próprio espaço de operação da complexidade. Ditos sistemas são: a) os sistemas vivos que incluem a vida e as operações vitais; b) os sistemas psíquicos ou pessoais que incluem a consciência como forma de operação própria dos sistemas pessoais; e c) os sistemas sociais, cuja característica é a comunicação.

Esta teoria é um intento para a construção de uma teoria social holista da sociedade contemporânea. Entretanto, conta com elementos que abrem uma reflexão a outros temas. Em primeiro lugar, o conceito de comunicação entendido pelo autor como um processo de seleções próprio dos sistemas sociais. Um segundo ponto na sua teoria dos sistemas – e possivelmente também o mais controvertido - é o que faz referência a relação entre os seres humanos e a sociedade. Para ele, a sociedade não está composta por seres humanos mas sim de comunicações.

Um dos conceitos da “teoria sistêmica” é a autopoiesi, incorporado a partir da publicação da obra "Soziale Systeme". Luhmann está influenciado pela mudança de paradigmas desenvolvidos pelos biólogos e neuropsicólogos chilenos Humberto Maturana e Francisco a quem, nos anos 60, firmaram as bases teóricas do conceito “autopoiesis”³⁴. Os sistemas autopoieticos são produtos vivos que se criam e se mantêm. Este processo tem lugar no momento em que componentes e partes procedentes deles se procriam mantendo uma organização própria.

³³ Tal como ele mesmo afirma em 1987: “O que produziu até o momento, é, todavia uma série-zero na elaboração da teoria”.

³⁴ Do grego, poiesis: fazer, realizar.

Pode afirmar-se que todos os seres vivos são autopoéticos, já que contêm organizações e, ao mesmo tempo, realizam-se em estruturas concretas. Luhmann relaciona o conceito de autopoiesis quando concebe os sistemas sociais como autoreferenciais e fechados a nível organizativo e, portanto, autônomos. Entretanto, ao mesmo tempo, os sistemas autopoéticos são sistemas vivos e, assim, tanto material como energeticamente abertos, sem ter nenhum “in put” ou “out put” em relação a seus componentes. Os sistemas autopoéticos não podem estar determinados por influências do meio, a não ser, em todo caso, irritados. O estado da situação do sistema não está determinado pelo meio mas sim pelos mesmos sistemas. Nesta medida, os sistemas autopoéticos estão determinados pela estrutura e o estado das situações. Sistemas sociais são sistemas autopoéticos, assim que se produzem dentro de um processo fechado e de forma continuamente recursiva, quer dizer, a comunicação da mesma comunidade. Para Luhmann, o ser humano não é nenhuma unidade autopoética mas sim está formado a partir de uma incontável quantidade de formas de sistemas. O sistema psíquico das pessoas não se encontra, no sistema neuropsicológico, a não ser fora do sistema social; entretanto, possui, dentro do meio de sistemas sociais, a posição privilegiada e a possibilidade de poder “irritar” ou “incomodar” a comunicação.

É indubitável a contribuição teórica do Luhmann na compreensão dos processos sociais das sociedades. Falta, entretanto, no marco teórico sistêmico umas categorias que analisem a ação humana, dando-lhe um papel quase testemunhal. “A liberdade não é empiricamente acessível. Ou de forma mais exata, nem podemos experimentar a liberdade como uma coisa certa entre outras certezas empíricas. A liberdade não é suscetível de ser demonstrada empiricamente. Segundo Kant, teríamos que dizer que a liberdade tampouco não é racionalmente acessível, ou seja, que não pode ser demonstrada filosoficamente, mediante os métodos apoiados no exercício da razão pura” (Peter Berger)³⁵.

PARA UM NOVO PENSAMENTO

Iniciada por Max Weber e pela escola fenomenológica, aparece a necessidade de se procurar um novo pensamento. Nas últimas décadas, é cada vez maior o número de cientistas sociais que advogam por analisar os fenômenos a partir da complexidade (O MOIGNE, 1999; WAGENSBERGER, 1994), especialmente na área da ecologia (NORGAARD, 1998). Entretanto, foi o filósofo e sociólogo francês Edgar Morin (1977, 1984, 1994, 1996), quem introduziu, na década de 70, a necessidade de se desenvolver esta nova forma de pensar a partir de um pensamento que:

³⁵ Peter BERGER, *Invitació a la Sociologia*. Barcelona, Ed. Herder, 1986.

- Capte que o conhecimento das partes depende do conhecimento de tudo e que o conhecimento de tudo depende do conhecimento das partes.
- Que reconheça e trate os fenômenos multidimensionais em vez de isolar de maneira mutiladora cada uma de suas dimensões.
- Que reconheça e trate as realidades que são ao mesmo tempo solidárias e conflitivas (como a democracia mesma que se nutre de antagonismos ao mesmo tempo em que os regula).
- Que respeite o diverso, ao mesmo tempo em que reconhece o único.

Morin é contundente ao afirmar que, um pensamento que isola e separa terá que ser substituído por um pensamento que una. Faz-se necessário desenvolver uma epistemologia da complexidade, que se apoie na Teoria do Caos e na Teoria de Sistemas. Segundo Morin (2001), nas sociedades racionais atuais, o elemento do caos e a incerteza aparecem constantemente. A distância entre a ordem e a desordem se reduziu a um mínimo. Conceitos como os de estruturas emergentes ou dissipativas, história do sistema, mudanças catastróficas ou caos não evocam a periferia da organização social mas sim ficam implicados na compreensão da lógica de seu funcionamento geral. A existência de estruturas dissipativas e relações miméticas ou de contágio entre os comportamentos dos sistemas sociais proporciona uma nova forma de transdisciplinaridade entre a psicologia das massas, as teorias sobre o indivíduo e dos sistemas sociais e as modernas investigações em física e biologia.

Para operacionalizar esta premissa, apóia-se em três princípios:

- Princípio dialógico: superação dos antagonismos em uma construção superior.
- Princípio de recorrência: os efeitos circulares e em forma de cacho de cabelo que afetam a todo fenômeno humano.
- Princípio hologramático: põe em relevo que o todo está na parte, do mesmo modo que esta se encontra no todo.

O “paradigma da complexidade” aparece como necessário frente ao “paradigma de simplicidade” (Morin, 1990/91), que é hegemônico no pensamento ocidental. A seguir, se expõe, de forma sintetizada, o paradigma da complexidade, a partir da vasta obra de Morin, que se apóia nas seguintes premissas:

- a) Disjunção e especialização fechada: o paradigma cartesiano coloca, de um lado, o mundo de objetos submetidos a observações e experimentações que fragmentam o mundo “objetivo” em unidades mais simples para seu exame, e de outro, o mundo de sujeitos representados por sua característica de pensamento e consciência.
- b) Redução: o princípio da redução restringe o disperso e o complexo dos processos humanos e planetários ao simples, que seja por meio de uma lógica mecânica e determinista de exclusão

de tudo aquilo que não pode ser quantificável e mensurável, como as paixões, as ideologias, as emoções e o inconsciente.

- c) Abstração: o pensamento simplificador é incapaz de conceber uma conjunção complexa do uno ao múltiplo ao unificar abstratamente em totalidades os holismos que anulam a diversidade.

Morin contrapõe o paradigma de simplicidade ao que chamou de “paradigma de complexidade”. As características dos dois fenômenos complexos:

- a) Os fenômenos complexos são complicados, mas a complexidade não se reduz à noção de complicação.
- b) Os fenômenos complexos são passíveis de desordem (caos, acaso, aleatoriedade e indeterminação) e ordem (auto-organização e determinismo).
- c) Os fenômenos complexos são marcados pelos processos de emergência, pelos quais propriedades novas/diferentes surgem a partir da interação das partes ou dos diferentes níveis de realidade.
- d) Os fenômenos complexos são marcados pelo princípio hologramático, pelo qual um elemento básico de um conjunto pode conter a quase totalidade da informação sobre todo um fenômeno maior.
- e) Os fenômenos complexos são marcados pelos princípios da interação com o observador ou da implicação, pelo qual a análise ou intervenção em um fenômeno depende sempre da perspectiva do observador.

O conhecimento aproxima dois fenômenos complexos e implica em incertezas, descontinuidade e desconhecimento parcial. Aproxima dois níveis diferenciados de sua organização ou do sistema de interação entre eles ou entre níveis epistemológicos diversos, apoiados no Princípio de Pascal³⁶

Quadro I. Síntese das características do paradigma da complexidade segundo Morin.

Dimensão	Complexidade
----------	--------------

³⁶ "Dado que as coisas são causadas e causantes, ajudadas e ajudantes, mediatas e imediatas e todas se mantêm por um laço natural e insensível que une as mais distantes e as mais distintas, considero impossível conhecer as partes sem conhecer o todo, igual que conhecer o todo sem conhecer particularmente as partes", Morin, p. 117.

Fundamentos teóricos	Atenção especial para com os atores e as significações (elementos qualitativos e quantitativos)
Fundamentos epistemológicos	Realidade social como realidade complexa e multidimensional. A epistemologia do social e suna epistemología da complexidade.
Princípios	<ul style="list-style-type: none"> -O princípio sistêmico ou organizativo -O princípio “hologrâmico” -O princípio nexu retroativo -O princípio de nexu recursivo -O princípio de autonomia/dependência (auto-eco-organización) -O princípio dialógico -O princípio da reintrodução do conhecedr em todo o conhecimento
Técnicas Instrumentos Estratégia	<ul style="list-style-type: none"> -Superação do conflito quantitativo / qualitativo -Superação radical -Abordar a complexidade da epistemologia da complexidade: desenvolver uma única orientação metodológica com o dado complexo como elemento articular entre teoria e empirismo -Supõe novo ponto de partida -Elemento de integração: dado complexo, como elemento integrador dos aspectos quantitativos e qualitativos
Operacionalização	Contexto teórico e metodológico que assuma a influência de elementos caóticos, de incerteza e indeterminação
Abordagem quantitativa a partir de:	<ul style="list-style-type: none"> - Análise exploratória - Meta-análise - Simulações informáticas
Abordagem qualitativa a partir de:	<p>Análise qualitativa de conteúdo a partir das categorias:</p> <ul style="list-style-type: none"> - “Mundo de vida”, segundo Jürgen Habermas - “Mundos da vida cotidiana”, segundo Alfred Schütz. <p>Análise a partir das correntes teóricas:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Etnometodologia - Interacionismo simbólico

Recentemente, apareceram propostas metodológicas para operacionalizar o paradigma da complexidade. A maioria destas propostas e intentos contribui com reflexões sobre uma nova forma de realizar a leitura dos dados estatísticos, dissertados em base a novos programas de informática desenvolvidos a partir destas propostas como é a análise residual. De uma perspectiva em que domina a estatística se propõem uma série de níveis possíveis para a investigação:

A análise exploratória faz uma imersão nos dados que expressem sua riqueza com o objetivo que façam evidentes determinadas relações e padrões.

A meta-análise conduz para uma teoria probabilística global, onde podem-se utilizar alternativas explicativas e pormenorizadas.

As simulações informáticas tornam consensual a abertura de novas alternativas às formas tradicionais de se investigar.

A nível construtivista, aparecem dificuldades, devido às diversas cosmovisões existentes, sendo necessário nos referir aos orçamentos antológico e epistemológico. O primeiro é a relatividade dos resultados das investigações, posto que ao existirem diversas interpretações não se pode estabelecer a verdade ou falsidade das mesmas. O recurso da triangulação é uma estratégia que permite maximizar a confiabilidade. Já no epistemológico, as diferentes categorias da subjetividade são as únicas que nos oferecem as construções realizadas pelos indivíduos. A interação pesquisador-pesquisado é essencial na construção dos resultados da investigação. A partir destes supostos aparecem duas estratégias pormenorizadas: o “mundo de vida” e a etnometodologia.

O “mundo de vida”, para Alfred Schütz, refere-se à análise da consciência de um mundo intersubjetivo. O estudo e análise da criação da realidade social pelas pessoas que se encontra submetida às constringências estruturais e criadas por seus antecessores. Sob a perspectiva fenomenológica de elementos como a linguagem, a intersubjetividade, a interação e o mundo de vida da cultura se conforma o que denominamos “realidade social”. Alfred Schütz define-a como: “É a soma total dos objetos e conhecimentos de mundo cultural e social, vivido descasamento da mentalidade do senso comum de alguns homens que vivem juntos inúmeras relações de interação”.

A etnometodologia tem perspectiva teórica intimamente vinculada com a fenomenologia. É o estudo do “corpo de conhecimento de sentido comum” (HERITAGE, 1984). Por sua vez, a etnometodologia tenta descobrir as estruturas que constituem o fundo dos fenômenos centrados no indivíduo e suas ações, as expressões dos atores sociais, a subjetivização e significação das atividades. As idéias fenomenológicas influenciaram estudos feministas e os mundos de vida subjetivos e micro-sociais das mulheres (DOROTHY E.SMITH, 1987).

O construcionismo social contribui com instrumentos conceituais e categorias necessários para a compreensão do mundo subjetivo. Estas colocações teóricas se apóiam numa postura “espiritualista” (LESSAR-HEBERT; Gerald BOUTIN, p. 42), que confere ao estatuto de realidade ao

mundo do espírito. Outros autores a definem como “consciência espiritual” (CAPRA, P. 242). As teorias clássicas da sociologia também trataram o tema da consciência, embora com diferentes significados desde Max Weber até Karl Marx. Faltou apenas se aprofundar nas potencialidades da consciência, energética e espiritual como transformadoras de um mundo social e ecológico agonizante. Capra refere-se a ela da seguinte maneira: “Uma consciência da unidade de toda a vida e da interdependência de suas múltiplas manifestações e de seus ciclos de mudança e transformação. Em última análise, essa profunda consciência ecológica e consciência espiritual”³⁷.

A partir da exposição do paradigma da complexidade e de sua operacionalização quantitativa e qualitativa, representada esta última pela fenomenologia e a etnometodologia, situou-se a ação humana como a consciência subjetiva que concebe um mundo cotidiano e como os seres humanos atuam nas coisas sobre a base de significados que tem para eles. Esta consciência ativa, que se comunica, que toma decisões e que reage, é a força motriz que nos move, ou como diria C.G.Jung, "*Das Treibende*", ou do suposto filosófico-religioso, a energia. Isto impede fixação da situação existente, historicamente predeterminada e que, a todo momento, procura alternativas à mudança subjetiva frente à situação planetária e social.

³⁷ CAPRA, O tã da Física, p. 242.

Referências

- ALVES-MAZOTTI, A.J.; GEWANDSZNAJDER, F. *O Método nas Ciências Naturais e Sociais*. São Paulo, Editora Pioneira, 2001.
- BACHELARD, G. *Epistemologia*. Barcelona, Anagrama., 1978.
- BACHELARD, G. *A Formação do Espírito Científico*. São Paulo, Livraria Amorim, (1938),1978.
- BERGER, P.; LUCKMANN, T. *Construção Social da Realidade*. Petrópolis, Vozes, (1969), 1985.
- BERGER, M. *Invitación a la Sociología*. Barcelona, Ed. Herder, [1963], 1986.
- BERTALANFFY, L. *Teoría General de los Sistemas*. México, FCE, 1976.
- BOHM,D.; CAPRA, F.; FERGUSON, M.; WEBER, R.; WILBER, K.; PROBRAM, K.; KEEN, S.; DYCHTOWALD, K.; PELLETIRER, K.; SAMPLES, B.; KRIPPNER, S. *El Paradigma Holográfico. Una exploración en las fronteras de la ciencia*. Barcelona, Editorial Kairós, 1992.
- BOURDIEU, P. *Razões Práticas. Sobre a teoria da ação*. Campinas, Papirus, 1997.
- BOURDIEU, P. *O Poder Simbólico*. Bertrant, Brasil, 1998.
- CAPRA, F. *O Ponto de Mutação*. São Paulo, Editora Cultrix, (1982), 2003.
- CAPRA, F. *O Tão da Física. Um paralelo a Física Moderna e o Misticismo Oriental*. São Paulo, Editora Cultrix, (1975), 1984.
- CAPRA, F. *As Conexões Ocultas. Ciência para uma vida sustentável*. São Paulo, Cultrix Editora, 2002.
- CHALMERS, A.F. *¿Qué es esa cosa llamada ciencia?* Madrid, Siglo XXI de España Editores, (1976), 1982.
- COHEN, L.; MANION, L. *Métodos de Investigación Educativa*. Madrid, Ediciones La Muralla, [1989], 1990.
- CORCUFF, P. *As Novas Sociologias. Construções da realidade social*. São Paulo, EDUSC, (1995), 2001.
- DELORS, J. *La Educación Encierra un Tesoro*. Ediciones Unesco, México, D.F. 1996.
- DE SOUZA, M. “Complexidade. O novo paradigma das Ciências Naturais e sua contribuição para os estudos sobre desenvolvimento”. In: *Novos Cadernos NAEA*, vol. 1 n. 1, Junho, 1998. Belém, p.111-124.
- DUPUY, J. *Ordres et Désordres. Enquête sur un nouveau paradigme*. Paris, Seuil, 1990.
- FERRAROTTI, F. *El Pensamiento Sociológico de Auguste Comte a Max Horkheimer*. Barcelona , Península, 1975.
- FERREIRA, T. “Física quântica tenta compreender a formação da consciência”. In: *Beira do Rio*, novembro, 2006, p. 5. Belém, UFPA.
- FEYERABEND, P. *Contra el Método*. Barcelona, Ed.Ariel, (1970), 1987.
- GIDDENS, A. *Modernidad e Identidad del yo. Ely o y la sociedad em la época contemporánea*. Barcelona, Ediciones Península, (1991), 1994.
- HABERMAS, J. *Técnica e Ciência como Ideologia*. Lisboa, Edições 70, 1993.

- HEISENBERG, W. *Física y Filosofía*. Buenos Aires, La Isla, 1959.
- JAPIASSU, H. *Nascimento e Morte das Ciências Humanas*. Rio Janeiro, Francisco Alves Editora, (1978), 1982.
- KUNG, H. *Proyecto de una Ética Mundial*. Madrid, Trotta, 1991.
- KUHN, T. *A Estrutura das Revoluções Científicas*. São Paulo, Perspectiva, 1998.
- LAQUEUR, W. “2007: Certezas e Incertidumbres”. *La Vanguardia*, 31 diciembre, 2006, Barcelona.
- LESSAR-HEBERT, M.; GOYETTE, G.; BOUTIN, G. *Investigação Qualitativa. Fundamentos e Práticas*. Lisboa, Instituto Piaget, 1990.
- LUHMANN, N. *Sociedad y Sistema: la ambición de la teoría*. Barcelona, Paídos, 1990.
- MARCUSE, H. *Eros y Civilización*. Barcelona, Seix Barral, (1953), 1976.
- MATURANA, H.; VALERA, F. *El Árbol del Conocimiento*. Santiago, Editorial Universitaria, 1984.
- MORIN, E. *La Mente bien Ordenada. Repensar la reforma. Reformar el pensamiento*. Barcelona, Seix Barral, (1999), 2001.
- MORIN, Edgar. *Ciência como Consciência*. Rio de Janeiro, Bertrant, 1982/1998.
- MORIN, E. *Introdução ao Pensamento Complexo*. Lisboa, Instituto Piaget, 1990/1991.
- MORIN, E. *O Método. Vol. I, II, III, e IV*. Mens Martins, Public, Europa-America, 1977.
- MORIN, E. *A Sociologia do Microsocial ao Macroplanetário*. Lisboa, Publicações Europa-América, (1984), 1998.
- MORIN, E. “Por uma Reforma do Pensamento”, In: PENA-VEJA, A.; NASCIMENTO, E. P. (org). *O Pensar Complexo: Edgar Morin e a crise da modernidade*. Rio de Janeiro, Garamond, 1999.
- MORIN, E. “Per uma Reforma del Pensament”. In: *El Correu de la UNESCO*, n. 209, p. 10-15, 1996.
- MORIN, E.; LE MOIGNE, J.L. *A Inteligência da Complexidade*. Petrópolis, Vozes, 1999/2000.
- MOSCOVICI, S. *Social Influence and Social Change*. Londres, Academic Press, 1976. Esp. *Psicología de las minorías activas*. Madrid, Morata, 1981.
- MOURÃO VASCONCELOS, E. *Complexidade e Pesquisa Interdisciplinar. Epistemologia e metodologia operativa*. Petrópolis, Editora Vozes, 2004.
- PARENTE LEITE, Arnaldo. *Metodología de Pesquisa Científica*. 2001. Fortaleza, UECE, 2001.
- PONT VIDAL, Josep. *A realidade social é externa ao indivíduo? Uma aproximação à pesquisa qualitativa*. Paper NAEA, n. 203. Belém, UFPA, novembro 2006.
- PRIGOGINE, Ilya. *¿Tan Sólo Ilusión?* Barcelona, Tusquets Editores, 1993.
- PRIGOGINE, Ilya; STENGERS, Isabelle. *Entre o Tempo e a Eternidade*. Lisboa, Gradita, 1990.
- RODRIGUEZ, Darío; ARNOL, Marcelo. *Sociedad y Teoría de Sistemas*. Santiago de Chile, Editorial Universitaria, 1990.
- SCHÜTZ, Alfred. *Fenomenologia del Mundo Social*. Buenos Aires, Paídos, (1932), 1972.
- TOOLAN, David S. *Cosmologia numa Era Ecológica*. São Paulo, Edições Loyola, 1994. Original: *Nature is a Heraclitean Fire – reflections on Cosmology in an Ecological Age*, in *Studies in the Spirituality of Jesuits*, n. 25 november, (1991).

- WALDENFELDS, Benhard. De Husserl a Derrida. Introducción a la denomenologia. Barcelona. Ed. Paídos, 1997.
- WEBER, Max. Ensayos sobre Metodología Sociológica. Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1978.
- WEIL, Pierre, A Arte de Viver em Paz. Por uma nova consciência e educação. São Paulo, Editora Gente, (1990), 1993.

Referências secundárias

- ALTVATER, Elmar. Der Preis des Wohlstands, oder Umweltplunderung und neue Welt(un)ordnung. Munster, Verlag Westfalisches Dampfboot, 1992.
- AA VV. A crise dos paradigmas em Ciências Sociais e os Desafios para o Século XXI. Rio de Janeiro, Contraponto Editora, 1999.
- BOHM, D.; PRIBRAM, K.; WILBER, K.; CAPRA, F.; FERGUSON, M.; KEEN, S.; WEBER, R. El Paradigma Holográfico. Una exploración en las fronteras de la ciencia. Barcelona, Kaíros, 2004.
- FRUHLING, Hugo (ed.) Calles mas Seguras. Estudios de policia comunitaria en América Latina. Washington, BID, 2004.
- HEITMEYER, Wilhelm (ed.) Was treibt die Gesellschaft aueinander?. Bundesrepublik Deutschland: Auf dem Weg von der Konsens- zur Konfliktgesellschaft. Frankfurt a. Main, Edition Suhrkamp, 1997.
- DALTON, R.; KUECHLER, M. Los Nuevos Movimientos Sociales: un reto al orden político. Valencia, Edicions Alfons el Magnánim, 1992.
- DESCHAMPS, J-C.; CIOLDI, F.; MEYER, G. L`èchee scolaire. Elève modèle ou modèles d`élève?. Laussana, Editions P.M. Favre, 1982.
- GLORIA GOHN, M. da. Teorias dos Movimentos Sociais. Paradigmas clássicos e contemporâneos. São Paulo, Edições Loyola. 2004.
- JELSMA, J. Formación integrada de los ingenieros en una sociedad en evolución o cómo engendra al ingeniero filósofo, In: AAVV. *UNIVERSITAT POLITECNICA DE CATALUNYA (1997)*. ¿Sostenible?. Tecnología, Desarrollo sostenible y desequilibrios. Barcelona, Icaria Antrazyt, p. 384-407.
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. *Metodologia Científica*. São Paulo: Atlas, 1989.
- LIPOVESTSKY, G. *La Era del Vacío*. Barcelona, Anagrama, 1986.
- LOVELOCK, J. “A vingança de Gaia”, entrevista, in: *Veja*, 25 outubro, 2006.
- MARINOFF, L. Entrevista en: *La Vanguardia*, 10, enero, 2007, Barcelona.
- MELUCCI, A. “The new social movements. A theoretical approach. In: *Social Science Information*, n. 2, p. 119-226, 1980.
- MOSCOVICI, S. *Social Influence an Social Change*. Londres, Academic Press, 1976.
- NORGAARD, R. “A improvisação do conhecimento discordante”, In: *Ambiente & Sociedade*, n. 2, 1, semester 1998.
- OFFE, C. *Partidos políticos y nuevos movimientos sociales*, Madrid, Sistema, 1988.
- PONT VIDAL, J. *Grounded theory* e as possibilidades da pesquisa na complexidade da Amazônia. *Paper NAEA*, n. 204. Belém, UFPA, dezembro 2006.

SCHERER-WAREN, I. *Uma Revolução no Cotidiano? Os novos movimentos sociais na América do Sul*. São Paulo, Editora Brasiliense, 1987.

WAGENSBERG, J. *Ideas sobre la Complejidad del Mundo*. Barcelona, Tusquets, 1994.

WEINER, J. *The Next One Hundred Years: Shaping the Fate our Living Earth*. Nova York, Bantam, 1990.